

A CRÔNICA DOS MODERNISTAS ENCONTRA PROUST: MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA

Alexandre Bebiano de ALMEIDA*

RESUMO: A proposta deste artigo é comentar a recepção que Proust recebeu no Brasil, uma acolhida que se deu sobretudo pelo jornal, por meio de crônicas e artigos redigidos por críticos e escritores. A bem da verdade, a sorte do romance proustiano no Brasil, ao menos até a década de 60, foi decidida quase que inteiramente nas páginas de jornais. Como é que uma obra tão monumental será abordada por cronistas? Quais as consequências disso para a fortuna crítica brasileira? Para dar uma amostra das singularidades que acompanham a recepção de Proust no Brasil, comentaremos aqui crônicas redigidas por dois autores do Modernismo brasileiro: Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

PALAVRAS-CHAVE: Proust. Recepção crítica. Crônica. Mário de Andrade. Manuel Bandeira.

Introdução

O romance de Proust, por seu caráter grandioso, por suas ambições estéticas, parece casar mal com o jornalismo. Com efeito, de que maneira conciliar as pretensões filosóficas do romance – “[...] a verdadeira vida, a vida enfim descoberta e iluminada, a única vida, por consequência, plenamente vivida, é a literatura.” (PROUST, 1989, p. 474, tradução nossa), para repetir mais uma vez a derradeira lição do narrador proustiano – com o horizonte cotidiano e rasteiro do jornal? À primeira vista, pode-se bem afirmar que estamos diante de polos que mais se excluem do que se atraem.

Essa ideia, no entanto, merece correções. Na verdade, a arte de Proust e o jornal não seriam tão antagônicos quanto se poderia imaginar. Sabemos

* USP – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508900 – bebiano@usp.br

hoje que Proust manteve uma relação estreita com a imprensa de sua época. O escritor não somente colaborou muito para jornais, com crônicas, pastiches, artigos e, até mesmo, com extratos de seu romance¹; nós sabemos também, por suas cartas a críticos e amigos, que o escritor participava ativamente das polêmicas suscitadas pela publicação de seu romance, visto então por alguns como indecente e depravado².

Isso dito, este artigo chama a atenção para a acolhida que o romance recebeu no Brasil, uma recepção que se deu sobretudo pelo jornal, por meio de crônicas e artigos redigidos por críticos e por escritores. Bem vistas as coisas, a fortuna de Proust no Brasil não se limitou ao âmbito das vanguardas artísticas (embora tenha começado por elas³) nem aos estudos de perfil universitário (que passaram a se dedicar à obra de Proust apenas depois dos anos 60⁴). A bem da verdade, a sorte do romance proustiano no Brasil, ao menos até a década de 60, foi decidida quase que inteiramente em jornais. Esse cruzamento inesperado dá uma amostra das singularidades que acompanham sua recepção no Brasil: como é que uma obra tão monumental será abordada por cronistas? Quais as consequências disso para a fortuna crítica brasileira?

Proust no Brasil

A verdade é que Proust desempenhou aqui funções que o público francês dificilmente poderia imaginar. Um exemplo? Quando sai, em 1933, *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, o estilo desse livro que pretende reconstituir a formação social do Brasil causa surpresa em todos: de que

¹ Muitos desses artigos foram reunidos pelo próprio autor no livro *Pastiches et mélanges*, que veio a público em 1919 (PROUST, 1971).

² Para as polêmicas suscitadas pelo romance de Proust, é possível consultar o livro *La pudeur en crise*, de Eva Ahlstedt (1985).

³ As primeira notas de que temos notícia foram publicadas na seção de resenhas e variedades da *Klaxon* (1923) e d'*A Revista* (1925), revistas que representavam o movimento modernista nos estados de São Paulo e de Minas Gerais. Em janeiro de 1923, a seção de variedades da *Klaxon* registra a chegada de um número especial da *Nouvelle Revue Française* inteiramente dedicado a Marcel Proust, por ocasião da morte do “extraordinário romancista moderno francês”, para repetir as palavras da *Klaxon* (Confira *Chroniques* (1922/1923). Já na *Revista* (1925), produzida em Belo Horizonte, é possível ler uma resenha escrita por Carlos Drummond de Andrade (que assina apenas C.) do livro: *XXème siècle*, um apanhado de estudos literários de Benjamin Crémieux. Como o primeiro estudo do livro é a respeito do *roman-fleuve* proustiano, Drummond não hesita a comentar sua leitura de *À l'ombre des jeunes filles en fleur*, que havia recebido o Prêmio Goncourt em 1919. Confira C. (1925).

⁴ Em 6 de fevereiro de 1965, a professora Leyla Perrone-Moisés (1965) resenha o livro *L'Espace proustien*, de Georges Poulet, para o “Suplemento Literário” do jornal de *O Estado de São Paulo*.

A crônica dos modernistas encontra Proust: Mário de Andrade e Manuel Bandeira

maneira definir esse estilo em que memorialismo e recursos literários se aliam a teses das modernas ciências sociais e a minuciosa pesquisa histórica? É o próprio Gilberto Freyre (1962, p. XXXXVI) que dirá, meio a sério, meio literariamente, que faz “sociologia proustiana”. E assim o pernambucano explica a afinidade de seu estilo com o romancista: “o estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana” (FREYRE, 1995, p. LXV). Assim é que Proust, para nosso espanto, pôde servir de modelo para o estilo ensaístico de uma das maiores obras de interpretação da sociedade brasileira.

De que maneira compreender esse aproveitamento por parte de Gilberto Freyre? A principal explicação talvez se encontre na forte autoridade que a literatura exerce no Brasil até as décadas de 50 e 60⁵. Pode-se dizer que, devido à fraca divisão do trabalho intelectual, a literatura teve o papel de orientar e dar forma ao pensamento em domínios de conhecimento dos mais diversos, desde a medicina até o direito. De fato, o poderoso ímã da literatura interferiu em todas as áreas de saber e permitiu que, durante muito tempo, estudiosos de literatura no Brasil fossem, ao mesmo tempo, cientistas, médicos, juristas, filósofos, sociólogos, escritores, críticos literários e, claro, jornalistas. Assim é que um crítico como Álvaro Lins, autor de um dos mais importantes livros sobre Proust na década de 50 (LINS, 1956), não pretende limitar seus estudos de crítica ao campo mais restrito do romance ou da poesia, mas vai estendê-los até mesmo ao campo das ciências sociais; Lins pode comentar, nesse sentido, os estudos etnológicos de Roquette-Pinto, médico que participa da missão Rondon à Amazônia, e declarar: “[...] o homem de ciência Edgar Roquette-Pinto [também] pertence aos quadros de Literatura.” (LINS, 1963, p.205). Essa inflação do verbo literário, somado à forte influência que a literatura francesa exerceu em nossas letras, é que parece dotar a recepção de Proust de traços tão originais entre nós.

O escritor francês torna-se, com efeito, uma espécie de ponto de passagem obrigatório para todos aqueles, sejam cronistas ou críticos, que escrevem sobre literatura nos jornais; e podemos citar alguns, talvez aqueles mais conhecidos hoje: Tristão de Athayde (1927), Mário de Andrade (1928), Manuel Bandeira (1930), Graça Aranha (1932), Antonio Candido (1943), Sérgio Milliet (1944), Roger Bastide (1944), Sérgio Buarque de Holanda (1948), Lúcia Miguel Pereira

⁵ Para o papel preponderante que a literatura desempenhou na cultura brasileira, é possível consultar Candido (2000).

(1948), Afranio Coutinho (1948), Augusto Meyer (1948), Rachel de Queiroz (1949), Brito Broca (1951)⁶, Álvaro Lins (1952). Ora, citando esses nomes que escreveram crônicas ou artigos de rodapé a respeito de Proust, não fazemos mais que repetir um argumento da professora Walnice Nogueira Galvão (2002, p.12): “Dos anos trinta aos sessenta, todos os nossos maiores críticos escreviam sobre Proust em artigos de jornal, que depois seriam recolhidos em livros.” E a estudiosa acrescenta: “Durante muito tempo, crítico brasileiro que se prezasse frequentava Proust: é só folhear as coletâneas de ensaios de autoria deles.” (GALVÃO, 2002, p.12).

Isso dito, como abordar a variedade de documentos que representa essa recepção e que se estende não somente por um período tão longo, mas também abrange escritores do nordeste ao sul? Para nossa sorte, a acolhida que Proust recebeu no Brasil já mereceu um trabalho exaustivo de investigação. Em tese que merece nosso reconhecimento, defendida na Universidade Federal do Rio de Grande do Sul, Maria Marta Laus Pereira de Oliveira (1993) dedicou-se a estudar esse vasto material. De acordo com seu estudo, seria possível imaginar aí algumas linhagens ou divisões. Nesta exposição vamos abordar rapidamente dois tipos de leitura que foram propostas para o romance de Proust: a que reprova o escritor por seu estetismo e outra que nele valoriza a memória como força expressiva. Veremos que, se a primeira realiza mais um tipo de comentário crítico, a segunda avizinha-se da ficção narrativa e mesmo do memorialismo.

Quando a missão fala mais alto

Embora Mário de Andrade jamais tenha escrito uma crônica abordando diretamente Proust, o romancista aparece frequentemente em sua pluma, e não como um escritor que nos deve servir como modelo. Em artigo publicado no *Diário nacional*, de 8 de abril de 1928, Mário de Andrade discute um tema caro à estética moderna e, sobretudo, a Proust: a questão do caráter ou da integridade do indivíduo. Para Mário de Andrade, a arte literária moderna conduziu a um grau paradoxal certas tendências psicológicas que desestabilizam a unidade do eu. Essa fragmentação da personalidade seria causada devido à tortura do número excessivo de razões e verificações contraditórias de ordem psicológica. A principal consequência disso é uma, para citar Mário de Andrade (1928, p.7), “[...] ‘abulia transcendente’, um sequestro da autocrítica, um se deixar levar na

⁶ Confira Brica (1994).

A crônica dos modernistas encontra Proust: Mário de Andrade e Manuel Bandeira

barafunda inextrincável das tendências e das intenções obscuras.” É claro que uma das vítimas desse argumento é o romance de Mário de Andrade (1928, p.7): “É por tudo isso que com toda a arte admirável que possui, Proust me parece preliminarmente falso. Falso sobre o ponto de vista psicológico e não artístico, se entenda.”

Três crônicas que Mário de Andrade escreveu para sua coluna “Táxi” no *Diário Nacional*, durante o mês de abril de 1929, vão aprofundar essas reflexões.⁷ Para o crítico modernista, a expressão literária proustiana encerra um problema não exclusivo a ela, mas comum a toda a expressão artística moderna, que privilegia, não sem motivo, a fragmentação, “a particularização dos elementos e causas” (ANDRADE M., 1976, p. 88).

Embora a crônica fosse destinada ao largo público do jornal paulista, Mário de Andrade parece não querer simplificar as coisas. Seu comentário estende-se sobre três crônicas e pretende discutir o estatuto da linguagem na arte, especialmente na expressão literária. Para nós, é importante notar que a reflexão de Mário de Andrade (1976, p.93) se apoia num pressuposto explicitado por ele próprio, a saber: a linguagem visa “servir às necessidades da nossa inteligência” e, por isso mesmo, “é incapaz de expressar a totalidade de nossa vida sensível”. Para Mário de Andrade, se a linguagem aparece como um problema para Proust, isso se dá porque a linguagem é acima de tudo uma síntese, uma redução, ao passo que a sensibilidade e, principalmente a hipersensibilidade de Proust, parece querer recusar qualquer abstração, quando procura expandir-se, senão abandonar-se em particularizações analíticas. Daí surge o drama da linguagem em Proust: “a precariedade expressiva da linguagem em relação à vida sensível”, e sua procura por “estados cenestésicos”, para usar os termos de Mário de Andrade (1976, p. 96).

Para o modernista brasileiro, esse drama é um drama próprio aos escritores modernos, uma vez que clássicos como Racine ou Camões foram capazes de conceber uma expressão literária em que há “coincidência da linguagem com a sensibilidade” (ANDRADE M., 1976, p.95). É claro que ganhamos em análise com os modernos, que exacerbaram a investigação da sensibilidade a níveis jamais vistos antes, admite o cronista; mas isso seria a própria marca de seu ilogismo: Proust, diz Mário de Andrade (1976, p. 88), “[...] é fofo. Mas a gente dorme sobre, em passividade fatigante.”

⁷ As crônicas levam os seguintes títulos: “Táxi: A linguagem – I”, “Táxi: A linguagem – II”, “Táxi: A linguagem – III”, e foram originalmente publicadas no *Diário nacional* nos dias 16, 27 e 28 de abril de 1929.

Não podemos aprofundar aqui a leitura de Mário de Andrade. Para aqueles que se interessam pelo assunto, remetemos às análises de João Luis Lafeté. De acordo com este pesquisador, o projeto artístico de Mário Andrade está à procura de uma síntese entre comprometimento social e ideal estético moderno. Eis aqui de que maneira Lafeté (2000, p.199) resume esse dilema:

Compreendendo como poucos os caminhos da arte moderna e as revoluções por ela operadas no interior da linguagem literária, Mário de Andrade mantém todavia a tendência da arte a funcionar socialmente, procurando afastar o fantasma do individualismo e aproximar-se de uma linguagem – ou de certas ‘constâncias’ psicológicas populares – capazes de tornar efetivo seu desejo de engajamento.

Temos aí desenhado o projeto artístico perseguido por Mário de Andrade e que será usado pelo escritor para avaliar a arte moderna. Pode-se concluir que é do uso desse critério comprometido socialmente que surge sua discordância com a expressão literária de Proust.

Quando Proust passeia pela Lapa

Outra leitura é realizada por aqueles brasileiros que vão se interessar pela força da memória em Proust. E, a julgar por Jorge de Lima, em entrevista de 1945, a influência de Proust sobre os memorialistas brasileiros não foi de pouca monta:

[...] não só pelo relativismo introduzido em nossa literatura se fez sentir no Brasil a influência de Proust. Esta se nota também pela grande importância que nossos escritores passaram a dar então às memórias de infância, de que o *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, pode servir de exemplo. Nunca a infância, com todas as suas dimensões e seus seres intemporais, proustianos, foi mais explorada. Como você naturalmente não ignora, um passe de mágica, da sensação gustativa que dá ao escritor um biscoitinho molhado no chá, o qual lhe tira da memória toda a meninice perdida, passada em Illiers. Pois esse processo de repercussão do tempo seria também usado em larga escala pelos autores brasileiros do Modernismo. (SENNA, 1996, p. 136-137)⁸.

⁸ A entrevista de Jorge de Lima com Homero Senna foi publicada originalmente em 29 de julho de 1945, na seção “Revista” d’*O Jornal*, periódico do Rio de Janeiro.

A declaração de Jorge de Lima de que nossos modernistas teriam sofrido forte influência de Proust pode despertar suspeitas: como avaliar, com efeito, a autenticidade de uma afirmação como essa? É que, se o memorialismo desempenha um importante papel na obra de muitos escritores do modernismo, isso aparece muitas vezes de tal forma incorporado em suas criações que se torna bastante difícil falarmos de influxo. Muitos deles, de fato, vão tomar o romance de Proust como um motivo ou, até mesmo, como um estímulo para suas próprias criações. Eles reconhecem na obra do francês um convite a trabalhar com um recurso que “abraça as coisas, sem reduzi-las”, para citar um verso famoso de Drummond⁹. Cabe lembrar nesse sentido que a célebre memória involuntária não é uma faculdade que se liga exclusivamente à expressão artística nem a processos claros ou conscientes de nosso pensamento. Trata-se antes de uma faculdade capaz de repercutir certos símbolos secretos ou íntimos, e que seriam suficientemente fortes para reorganizar nossa relação com a realidade¹⁰. Tal recurso permite ao escritor criar uma expressão original, mais adequada ao apelo dos tempos, na qual podem se misturar, sem cerimônia, os mais díspares registros: fantasia literária, conteúdo biográfico, experiência social, digressão filosófica. O que seria um tipo de expressão literária como essa?

Para dar um exemplo disso, pode-se citar uma crônica bem conhecida de Manuel Bandeira (2006), que leva o título de “O romance do beco”. A crônica, publicada originalmente no jornal *Estado de Minas*, em 1933, foi recolhida pelo autor no livro *Crônicas da província do Brasil*. O texto da crônica se compõe de uma série de fragmentos que vão sendo amarrados pelas mais díspares associações – uma pequena narrativa abre o texto: “O marinheiro triste debruçou-se à janela do apartamento 54...” (BANDEIRA, 2006, p. 171); vem em seguida um comentário sobre este verso de Emílio de Meneses: “Este leito, que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito...” (BANDEIRA, 2006, p. 171); e, depois, uma descrição fantástica do beco dos Carmelitas no Rio de Janeiro, o beco que obceca o marinheiro triste: “Foi no beco que Swann encontrou pela primeira vez Odete” (BANDEIRA, 2006, p. 171); na sequência temos uma digressão sobre a experiência de ler Proust; e,

⁹ Trata-se do último verso do poema “Fragilidade”, de Drummond (1996).

¹⁰ Candido destaca isso quando diz que na expressão literária de Proust a fuga do tempo conhece um tipo de contrapeso ou compensação na permanência de certas estruturas ou símbolos (CANDIDO, 1993; 2003). É de notar que as análises de Auerbach (1968, p. 539) já chamavam a atenção para o fato de que um evento simples e cotidiano do passado, quando lembrado ou recuperado pelo narrador proustiano, adquire um aspecto de “omnitemporalidade simbólica”

finalmente, o desfecho em que dois amigos, depois de hesitar sobre o caminho a pegar, decidem não ir pelo “côté de Guermentes” da rua da Lapa, mas pelo “côté de chez Swann” rumo à praia da Glória, onde vão pegar o ônibus Mauá-Ipanema. Como compreender uma crônica como essa, feita de uma mistura tão extravagante de elementos?

Para começar, alguns dados biográficos podem decerto ajudar. Na época em que escreve a crônica, Bandeira mora num prédio da rua Morais e Vale, no alto do apartamento 54, de cuja janela podia ver não só a linha de horizonte da praia Glória, mas também o beco dos Carmelitas, uma pequena rua degradada, famosa então como recanto de prostituição e pobreza na cidade do Rio de Janeiro. Mas o que vem a ser esse beco na descrição fantástica do cronista? Trata-se de um lugar de festa, onde os boêmios da cidade procuram suas Odettes:

Aqui [no beco dos Carmelitas] outrora reboaram hinos. Toda a mocidade do Rio, estudantes, caixeiros, empregados públicos, artistas, Raul de Leoni... É inacreditável como cabia tanto homem no beco. O beco era a matriz da cidade. Um dia não pôde mais, rebentou em Manguês, na pornéia dos desenhos de seu Cicinho Batateira, no *Ulysses* de Joyce. Foi no beco que Swann encontrou pela primeira vez Odette. Mas não antecipemos. (BANDEIRA, 2006, p. 172).

É de sublinhar que o gesto descritivo do cronista oferece um sentido novo para a degradação do beco. Os boêmios, esses famintos de alegria e liberdade, têm no beco um lugar onde podem se sentir à vontade, a ponto de tomá-lo como fonte de vida (“ele era a matriz da cidade”); pobre, degradado, prostituído, o beco se transfigura assim na arte de Cícero Dias (o Cicinho Batateira em questão¹¹), mas também nos romances de Joyce e Proust. Pode-se concluir que, na visão mágica do cronista, o beco dos Carmelitas, aquele lugar de pobreza e prostituição na Lapa, perde seu caráter físico ou real, para adquirir um significado simbólico: esse beco de amores pagos, de misérias e tristezas, para onde acorrem os boêmios em busca de alegria, seria o espaço onde nasce a expressão literária de Proust, na medida em que se mostra um lugar capaz de satisfazer aos desejos de felicidade mais recônditos dos artistas de nosso tempo.

¹¹ Cicinho Batateira era a maneira pela qual Cícero Dias era conhecido no grupo de amigos de Manuel Bandeira. A informação nos é dada pelo organizador das crônicas de Bandeira, o pesquisador Júlio Castañon Guimarães (BANDEIRA, 2006).

Conclusão

Apresentamos aqui uma amostra da acolhida do romance de Proust pela imprensa no Brasil. Escolhemos algumas crônicas redigidas por dois autores do Modernismo brasileiro: Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Como vimos, seus artigos representam dois tipos de leitura: a primeira faz parte de uma linhagem mais crítica, que reprova o projeto artístico proustiano por razões morais e políticas. Nela poderíamos incluir, entre outros estudiosos, Tristão de Athayde (1927), Roberto Alvim Corrêa (1950) e, até mesmo, o jovem Ruy Coelho (1944) que participa da revista *Clima*, para citar alguns nomes. Cabe lembrar que a discussão em torno dos valores morais do romance de Proust estende-se até hoje: haveria uma moral no romance do francês? Ou este proporia antes uma defesa da “arte pela arte”? Tentando responder a essas perguntas, Antoine Compagnon, professor titular de literatura no *Collège de France*, ministrou um curso, durante 2007 e 2008, que levava o título de “Morales de Proust”¹².

A segunda família de leitores que vimos, mais literária, considera o romance de Proust e, mais particularmente, o recurso à memória involuntária, como um tipo de estímulo para a criação literária e artística. Esse veio será fecundo no Brasil¹³. Nele podemos incluir, entre outros, a poesia de tom autobiográfico de Drummond, especialmente a série *Boitempo* (ANDRADE C., 2003), e a prosa memorialista de Augusto Meyer (1966) e de Pedro Nava (1972). Grandes leitores de Proust, esses escritores vão procurar desenvolver um tipo de expressão literária onde se misturam de maneira inseparável imaginação ficcional e memorialismo.

¹² O programa do curso de Antoine Compagnon no *Collège de France* encontra-se disponível online. Confira College... (2014).

¹³ Antonio Candido talvez seja um dos primeiros estudiosos a chamar a atenção para esse veio na literatura brasileira; em ensaio publicado pela primeira vez em 1977, intitulado “Poesia e ficção na autobiografia”, o crítico sublinha o parentesco da obra proustiana com as “autobiografias ficcionais e poéticas” (o termo é de Antonio Candido) produzidas por alguns escritores brasileiros, especialmente Murilo Mendes (*A idade do serrote*), Carlos Drummond de Andrade (*Boitempo*) e Pedro Nava (*Baú de ossos*). Mais recentemente, Tania Franco Carvalhal (2005) retornou ao tema da herança proustiana na obra memorialística de Jorge de Lima, Augusto Meyer e Pedro Nava.

The chronicle of modernist writers meets Proust: Mário de Andrade and Manuel Bandeira

ABSTRACT: *This article discusses the critical reception of Proust in Brazil. This reception has occurred mainly through newspapers in the form of articles and chronicles written by critics and writers. The critical success of Proust's novel in Brazil was decided almost entirely in newspapers at least until the 60's, How the chroniclers will address such a monumental novel? What are the consequences of this for the Brazilian critical fortune? To give an example of the singularities accompanying the reception of Proust in Brazil, we analyse some chronicles written by two authors of Brazilian modernism: Mário de Andrade and Manuel Bandeira.*

KEYWORDS: *Proust. Critical reception. Chronicle. Mário de Andrade. Manuel Bandeira.*

REFERÊNCIAS

AHLSTEDT, E. **La pudeur en crise:** un aspect de l'accueil d'À la recherche du temps perdu de Marcel Proust – 1913-1930. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1985.

ANDRADE, C. D. de. Boitempo. In: _____. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p.879-1183.

_____. Fragilidade. In: _____. **A Rosa do povo.** 17.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p.60.

ANDRADE, M. de. **Taxi e crônicas no Diário nacional.** Estabelecimento de texto de Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: Duas cidades, Secretaria de Cultura, 1976.

_____. Sobre a Carta Pastoral de D. José Maurício da Rocha. **Diário Nacional,** São Paulo, 8 abr. 1928. p.7.

ARANHA, G. Uma página de Graça Aranha sobre Marcel Proust. **Correio da Manhã,** Rio de Janeiro, p. 5, 24 ago. 1932.

ATHAYDE, T. de. Marcel Proust. **Diário Nacional,** São Paulo, 11 dez. 1927. p. 9.

AUERBACH, E. Les bas couleur de bruyère. In: _____. **Mimésis.** Paris: Gallimard, 1968. p.518-548.

BANDEIRA, M. O romance do beco. In: _____. **Crônicas da província do Brasil.** Organização e notas de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p.171-173.

- A crônica dos modernistas encontra Proust: Mário de Andrade e Manuel Bandeira _____. No mundo de Proust. **Diário Nacional**, São Paulo, p. 3, 25 dez. 1930.
- BASTIDE, R. Diálogo a uma voz: Marcel Proust. **Diário de São Paulo**, São Paulo, 16 set. 1944. p.374-376.
- BROCA, B. O livreiro Quaresma no comercio editorial brasileiro. In: ABREU, M. (Org.). **O repórter Impenitente**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p.47-50.
- C. [Carlos Drummond de Andrade]. França. **A Revista**, Belo Horizonte, n.2, p.52-53, ago. 1925.
- CANDIDO, A. Poesia e ficção na autobiografia. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 51-69.
- _____. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e sociedade**. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000. p.119-198.
- _____. Realidade e realismo (via Marcel Proust). In: _____. **Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 123-129.
- _____. Notas de literatura e crítica: vinte anos e... **Folha da Manhã**. São Paulo, 4 mar. 1943. p. 5.
- CARVALHAL, T. F. L'écriture autobiographique au Brésil: l'héritage proustien, **Revue de littérature comparée**, n.316, p.419-430, 2005/4.
- CHRONICAS: LIVROS E REVISTAS. Klaxon, mensário da arte moderna. São Paulo, n.8, p.30, dez/jan. 1922/1923.
- COELHO, R. **Proust**. São Paulo: Flama editora, 1944.
- COLLEGE DE FRANCE. Disponível em: <<http://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/course-2007-2008.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- CORRÊA, R. A. O vigésimo aniversário da morte de Marcel Proust. In: COELHO, S. (Org.). **Proustiana brasileira**. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950. p.43-53.
- COUTINHO, A. Correntes cruzadas. **Diário de notícias**, Rio de Janeiro, 19 dez 1948. Letras e Artes, 4 seção, p. 2-4.
- FREYRE, G. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. v. 1.
- FREYRE, G. Prefácio à primeira edição. In: _____. **Casa-grande & senzala**. 30.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. LXV.
- GALVÃO, W. N. Prefácio - Em busca de um Proust perdido. In: WILLEMART, P. **Educação sentimental em Proust**. Cotia: Ateliê editorial, 2002. p. 11-15.
- HOLANDA, S. B. de. Tempo e verdade. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 14 nov. 1948. Letras e Artes, 4.seção, p.2.

Alexandre Bebiano de Almeida

LAFETÁ, J. L. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas cidades, 2000.

LINS, A. Estilo literário e estilo científico: estudo da obra de Roquette-Pinto. In: _____. **Jornal de crítica - 7a. série**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1963. p.197-281.

_____. **A Técnica do romance em Marcel Proust**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

_____. Da técnica do romance em Marcel Proust. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 mar. 1952. 2. Seção, p.2.

MEYER, A. Do caderno de um leitor: Croce e Proust. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 maio 1948. 2. Seção, p. 1.

MEYER, A. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro: Ed. O cruzeiro, 1966.

MILLIET, S. Últimos livros: Proust – Rui Coelho. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 ago. 1944. p. 4.

NAVA, P. **Baú de ossos: memórias - 1**. Rio de Janeiro: Sábia, 1972.

OLIVEIRA, M. M. L. P. **A recepção crítica da obra de Marcel Proust no Brasil**. 1993. 450 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

PEREIRA, L. M. A propósito de Proust. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 31 out. 1948. 2. Seção, p. 1.

PERRONE-MOISÉS, L. À procura do espaço perdido. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 6 fev. 1965. Suplemento Literário, p. 1.

PROUST, M. **À la recherche du temps perdu**. Édition publiée sous la direction de Jean-Yves Tadié. Paris: Gallimard, 1989. (Bibliothèque de la Pléiade, IV).

PROUST, M. **Contre Sainte-Beuve**: précédé de Pastiches et mélanges et suivi de Essais et articles. Edição de Pierre Clarac. Paris: Gallimard, 1971.

QUEIROZ, R. de. Marcel Proust. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1949. p.98.

SENNA, H. O mistério poético (Jorge de Lima). In: _____. **República das Letras: entrevistas com 20 grandes escritores brasileiros**. 3.ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 121-140.

